



Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 611 de setembro de 2008.

ENTRO NO ELEVADOR DO ESCRITÓRIO E CUMPRIMENTO A EXECUTIVA QUE ESTÁ LÁ DENTRO: BOM DIA! COMO VAI?



A RESPOSTA QUE DEVERIA SER: "ESTOU BEM, E VOCÊ?"; CHEGA COMO UMA JUSTIFICATIVA: "ESTOU CORRENDO, MAS ESTÁ BOM!"



CHEGAMOS AO SÉCULO XXI COM UMA TECNOLOGIA PRODIGIOSA.



MAS CRIAMOS UM VAZIO ENTRE O MUNDO DA CIÊNCIA E O MUNDO DA EXPERIÊNCIA HUMANA.



ESTOU CORRENDO, MAS ESTÁ BOM! Entro no elevador do escritório e cumprimento a executiva que está lá dentro: Bom dia! Como vai? A resposta, que deveria ser: "estou bem, e você?", chega como uma justificativa: "estou correndo, mas está bom!" Todos os dias encontro gerentes, estagiários, diretores, faxineiros e todos têm a mesma resposta: *estou correndo, mas está bom!* Com os fornecedores é a mesma coisa. Quando perguntados se estão bem, logo respondem que estão correndo e justificam que está bom, porque estão com muito trabalho. Essa onda de correria virou uma febre. Todos correm, produzem em dobro, mas o resultado de tanta velocidade nem sempre significa soluções de qualidade ou satisfação pessoal. Corremos atrás de uma tecnologia que se apresenta amiga, mas na verdade nos aprisiona e nos torna reféns, nos deixando online como se fôssemos máquinas.

EXPERIÊNCIA Chegamos ao século XXI com uma tecnologia prodigiosa. Mas criamos um vazio entre o mundo da ciência e o mundo da experiência humana. Este assunto é tema do ciclo de conferências intitulado "Mutações – A Condição Humana", iniciado em 2007 e retomado este ano em quatro capitais brasileiras (São Paulo/ SESC, Rio de Janeiro/ ABL, Belo Horizonte/ APPA e Brasília/ UnB). Serão 19 conferências a cargo de conceituados pensadores; entre eles, Francis Wolff, Renato Lessa, Maria Rita Khel, Sérgio Paulo Rouanet, Francisco de Oliveira, Vladimir Safatle, Luiz Alberto Oliveira, Jean-Pierre Dupuy, Jöelle Proust e Antônio Cícero. A proposta é discutir o futuro da condição humana diante da revolução tecnocientífica que, segundo alguns pensadores, tende a uma "desqualificação definitiva" do homem.

COISA ACABADA O jornal *Valor Econômico*, em seu caderno Fim-de-Semana (29/08/2008), traz um artigo sobre as primeiras conferências. Escrita pelo professor e curador do fórum, Adauto Novaes, o texto discute a possibilidade de diálogo entre o mundo da ciência e o mundo das nossas vidas. Na visão dos pensadores, estes dois mundos dificilmente se cruzam. De um lado, o mundo da ciência que se apresenta como coisa acabada. De outro, o mundo das nossas vidas, construído por nossas experiências e nossas ações, e que constitui "(...) uma multiplicidade aberta e indefinida que se inscreve na natureza, na cultura e na história".

DESCOMPASSO Qual é, então, o papel do homem neste novo mundo relativista, indeterminado e cheio de incertezas, onde a percepção de espaço e tempo são alteradas da mesma maneira que o próprio corpo? Um mundo que, segundo Jean Baudrillard, "(...) não identifica o sujeito, seja do poder, do saber ou da própria história, pelo menos como o entendíamos até há pouco?" Para o filósofo Maurice Merleau-Ponty, esse descompasso surge da rivalidade entre o conhe-

cimento científico e a experiência das histórias pessoais e coletivas "(...) porque uma ciência sem filosofia não saberia dizer o que fala".

VELOCIDADE A realidade humana é feita de desejos sempre renovados pela experiência, a reflexão, imagens, lembranças, paixões da alma, sensibilidade, ação intelectual, percepções que chamamos espírito e que têm o poder de transformação. É esse espírito que cria hábitos ou repetições. Para Paul Valéry "(...) a novidade destes gestos no mundo contemporâneo é que a velocidade da superação das repetições é muito rápida, sem que possamos nos dar conta dessas passagens (...) esse descompasso de tempos torna difícil à construção de representações coerentes dos fenômenos criados pela tecnociência".

RIGIDEZ E FLEXIBILIDADE Tornamo-nos verdadeiramente humanos quando criamos o mundo das artes, da política, do imaginário, da literatura, etc. Mas a era moderna, que nasce com as matemáticas puras, a mecânica e a física e todas as espécies de variações mensuráveis, nos lança no território da ciência e da técnica sob o domínio de um mundo rígido e acabado, diferente da condição humana criada até então, que privilegia a experiência e a flexibilidade.

DESORDEM E INCOERÊNCIA No ensaio sobre a liberdade, Paul Valéry escreve que "(...) é a relação do homem com o mundo que está posta em questão: verdades estão quase mortas, valores em baixa, esperanças arruinadas, inclusive a confiança no espírito, confiança que era fundamento da vida". Ele diz ainda que "(...) a época contemporânea põe em evidência a desordem, a incoerência, a imprevisibilidade".

REFÉNS Dominados pela tecnociência e entretidos com o lançamento dos últimos *gadgets* que aguçam a curiosidade e acalmam as vaidades, não nos damos conta que estamos reféns do mundo tecnológico, assim como previram Kurt Vonnegut, George Wells, Ray Bradbury e Arthur C. Clarke, entre outros escritores de ficção científica.

COLETIVIDADE PASTEURIZADA Trocamos nossa liberdade por uma crença romântica nas virtudes do progresso científico e técnico. Entregamos nossa individualidade a uma coletividade pasteurizada e repetitiva, que não enxerga as diferenças e a diversidade do mundo e prefere repetir modelos, palavras e gestos como o comercial de O Boticário. Corremos atrás de alguma coisa que sequer sabemos o que é e justificamos: "estou correndo, mas está bom!" Na luta entre os avanços tecnológicos e as expectativas humanas, a máquina parece estar levando a melhor. Estamos dominados pelo progresso, mas ainda está em tempo de colocar a máquina a nosso serviço e mandar, ela sim, correr atrás.